



## **muchachas no more: household workers in latin america and the caribbean**

CHANEY, Elsa M. (ed.) & GARCIA CASTRO, Mary. (ed.) - 1988. *Muchachas no more: household workers in Latin America and Caribbean*. Philadelphia, Temple University Press. 520p. (Women in the Political Economy Series)

Mary Garcia Castro\*

*O texto a seguir foi elaborado pela co-editora da obra em pauta a pedido da editora desta Revista. Este pedido, excepcional, deveu-se ao fato de esta obra encontrar-se disponível somente nos Estados Unidos, o que acarretaria razoável espera para sua aquisição, contrariando a nossa idéia de divulgar com rapidez esse trabalho recente, de grande interesse para os estudiosos de população.*

*A título de ilustração, transcreve-se, abaixo, o índice da obra.*

### **Introdução**

#### **I O Serviço Doméstico Ontem**

1. *A história do serviço doméstico na América espanhola: 1942-1980*, por E. Kuznesof
2. *O serviço doméstico na Jamaica a partir de 1750*, por B.W. Higman
3. *Empregadas e patroas no Rio de Janeiro: percepções sobre a casa e a rua em 1870*, por S.L. Graham

#### **II O Serviço Doméstico Hoje**

4. *Trabalhadoras domésticas em Buenos Aires*, por M. Gogna
5. *O que se compra e o que se vende no serviço doméstico? O caso de Bogotá: revisão crítica*, por M. Garcia Castro
6. *E agora, onde está Maria? Ex-trabalhadoras domésticas no Peru*, por M.L. Smith
7. *A empregada doméstica nas fotonovelas latino-americanas*, por C.B. Flora

---

\* Professora e pesquisadora no Centro de Recursos Humanos, Universidade Federal da Bahia

8. *Trabalhadoras domésticas no Caribe*, por P. Mohammed
9. *"Só um pouco de respeito": trabalhadoras domésticas do Caribe de língua inglesa na cidade de Nova Iorque*, por S. Colen

### III Algumas Questões para o Feminismo

10. *Trabalhadoras domésticas na República Dominicana: um desafio para o movimento feminista*, por I. Duarte
11. *Políticas e programas de organizações do serviço doméstico no México*, por M. Goldsmith
12. *Feministas e trabalhadoras domésticas no Rio de Janeiro*, por Hildete P. de Melo

### IV Organização e o Estado

13. *Não estariam as organizações para as mulheres pobres, em Montevideo, reforçando a marginalidade?* por S. Prates
14. *Trabalhadoras domésticas no Peru: o difícil caminho para a organização*, por T. Schellekens e A. van der Schoot
15. *Trabalho doméstico remunerado no Chile: não apenas um outro trabalho*, por T. Galvez e R. Todaro
16. *Trabalho e serviço doméstico na Colômbia*, por M. León
17. *Aguçando a luta de classe: a educação das trabalhadoras domésticas em Cuba, após a Revolução*, por E. Gil Izquierdo

### V Em suas Próprias Palavras

18. *Trabalhadoras domésticas no Rio de Janeiro: sua luta por se organizar*, por A.M. de Oliveira e O.M. da Conceição, com a colaboração de Hildete P. de Melo
19. *A história da nossa luta. SINTRASEDOM (Sindicato de Trabalhadoras do Serviço Doméstico Colômbia)*
20. *Autobiografia de uma lutadora*, por A. Diaz de Uriarte
21. *História do movimento de trabalhadores domésticos no Chile, 1926-1983*, por A. Moreno Valenzuela
22. *Em suas próprias palavras*, compilado por M. Garcia Castro
23. *O serviço doméstico em uma perspectiva transcultural: uma base de dados computadorizados* por M.L. Smith

De 24 a 28 de março de 1988 estiveram reunidas, em Bogotá, 44 representantes de sindicatos e associações de serviço doméstico de vários países, no Primeiro Encontro de Trabalhadoras Domésticas Organizadas da América Latina e do Caribe. Neste Encontro foi fundada a Confederação de Trabalhadoras Domésticas da América Latina e do Caribe. Tal fato indica que, em que pese ser baixo o número de empregadas domésticas organizadas em sindicatos ou associações, há mudanças qualitativas no estatuto deste trabalho em termos de classe social.



Com aquele Encontro, concretizou-se uma idéia saída do painel sobre serviço doméstico, articulado por Chaney e Garcia Castro, na reunião da LASA (Latin American Schollars Association), no México, em 1985. Do painel participaram pesquisadores, líderes sindicais do serviço doméstico e ativistas de programas de apoio ao setor: dele resultaram um livro e o Encontro. O eixo principal do painel e o do livro era articular saberes – o popular e o acadêmico – para se refletir sobre a busca de identidade do serviço doméstico e se colaborar com os esforços de organização do grêmio, mas sem transferir para o conhecimento em uso a prática de interpretação teórica e de análises mais estruturais, tônica comum na estratégia populista da chamada pesquisa-ação, o que se rejeita no livro. A idéia, ao contrário, foi sistematizar conhecimentos de várias origens, produzidos em sindicatos e associações, por pesquisadores e ativistas, e sobre tempos e espaços históricos singulares, partes do fragmentado todo latino-americano-caribenho.

Embora o serviço doméstico seja uma das ocupações urbanas que, historicamente, concentra as mais altas proporções de mulheres pobres latino-americanas e caribenhas, são escassos os trabalhos de fôlego teórico sobre o serviço doméstico – Saffioti (1978), em trabalho pioneiro no Brasil, já alertara sobre esse fato – como também são poucas as referências programáticas relativas ao tópico, por parte do movimento feminista. Enquanto o seu quasi-homólogo, o trabalho doméstico, foi objeto de um extenso debate teórico internacional na década de 1970, o serviço doméstico, como tema, não avançou muito além do “discurso-da-vítima” ou do *mea culpa* exercizado por crônicas testemunhais, na área de estudos sobre mulher. Em áreas “mais nobres” do conhecimento, o tema foi simplesmente ignorado, mesmo no auge dos debates sobre “formas não propriamente capitalistas”, “setor informal”, “relações entre produção e reprodução” e outros afins.

Mas há mais na cozinha para se trazer para a sala, pois se este livro é uma peça importante para a legitimização de um tópico – serviço doméstico – e de uma postura – estudos preocupados com a organização dos trabalhadores –, muito mais fogo é preciso para “se passar do cru ao cozido”.

Artigos do livro advertem que o tema serviço doméstico põe em questão a noção convencional de classe, centrada na produção de mais valia, e revisitam a discussão sobre a variedade de espaços que contribuem com elementos para a gestação de uma “classe em si”, ou seja, para a conscientização do trabalhador nas relações antagônicas de classe. O serviço doméstico também questiona um *slogan* muito atrativo para as feministas dos países desenvolvidos, ou seja, o de que a irmandade entre as mulheres é global (*sisterhood is global*)

O serviço doméstico, segundo articulistas no livro, chama a atenção para o fato de que, em casos de amplo contingente de reserva de mão-de-obra, fazem-se necessários não só esquemas teóricos mais flexíveis que dêem conta da heterogeneidade de situações de trabalho, como também reflexões sobre a fusão de categorizações de gênero/sexo, ciclo de vida, referência étnica e posição no grupo doméstico, no processo de construção de identidade de classe. Demonstram, alguns autores, que tais categorizações são relevantes no cotidiano das trabalhadoras domésticas, contribuindo para a diversidade destas e intervindo tanto na opção entre participar ou não de uma organização de classe como também na forma de estruturação dos sindicatos e associações de empregadas domésticas.

As organizações de empregadas domésticas rejeitam a noção de que a empregada é “filha da família” (empregadora); preferem a opção de trabalho a domicílio ou via empresa do que a de trabalho interno, defendendo, ainda, o conceito de que a empregada doméstica é “um membro da classe operária”, segundo a sindicalista peruana Adelina Diaz Uriarte, uma das autoras. Mas, ironicamente, uma das especificidades dos sindicatos e das associações deste grêmio é a de serem sítios em que se molda um sujeito coletivo via teias de relações afetivas, personalizadas. Uma célebre líder sindical assassinada em Cuzco, Peru, em 1973, Egídia Laine, declarou: “O sindicato de empregadas domésticas é uma chama para queimar os abusos dos patrões, para defender nossa classe pobre”. Combinando discussões sobre consciência de classe e consciência de gênero, no livro, alguns articulistas (León, Prates, Goldsmith e Galvez & Todaro), perfilam a especificidade das organizações de serviço doméstico.

Outro tema complexo é trazido pelas autoras que refletem sobre a relação, geralmente nada harmônica, entre as feministas, as pesquisadoras e as empregadas domésticas organizadas. Por exemplo, o artigo de Pereira traz versões de alguns destes atores (ou melhor, atrizes), indicando que há contradições de interesses difíceis de se conciliarem só na base de identidade de gênero, mas que também ficam “apertados” na amplitude do conceito de classe, exigindo passagens por múltiplas determinações. Já Duarte chega a questionar a propriedade de um princípio pilar do feminismo, a dupla jornada de trabalho, contrapondo trabalho e serviço doméstico.

Garcia Castro “cutuca” este axioma, comumente aceito sem questionamentos, qual seja, a identidade entre trabalho e serviço doméstico, defendendo que tal associação mais atrapalha que ajuda na compreensão da problemática do serviço doméstico organizado. Nesta linha, passa para a questão do salário, sua composição em dinheiro e em espécie, e as implicações ideológicas das relações entre patroas e empregadas na definição do serviço doméstico.

Já as análises históricas de Kuznesof e Lauderdale Graham também fornecem elementos que incomodam certos lugares comuns, tal como a idéia de que o serviço doméstico seria naturalmente um trabalho para mulheres e uma ocupação que historicamente sempre teria gozado de baixa apreciação social. Também questionam o conceito de que a dicotomia entre privado e público caracteriza necessariamente trabalhos de mulheres.

Muitos outros tópicos associados ao serviço doméstico em diferentes áreas da América Latina e do Caribe são ainda discutidos. Sem entrar no mérito da qualidade dos vários artigos do livro, tarefa comprometida pela minha posição de co-editora, o seu índice, por si só situa como referência obrigatória para os estudos sobre serviço doméstico, para os estudos sobre a mulher e trabalho, e, também, para os estudiosos sobre identidade de classe que rejeitam a assexualidade das análises neste campo e que já tenham percebido que, além dos portões da fábrica, também se vai moldando tal identidade. Colaboram, para a posição do texto de referência, a extensa bibliografia coletada por Smith, em distintas instituições de ensino e pesquisa na América Latina, Caribe, Europa, Inglaterra e Estados Unidos, e a preocupação de juntar trabalhos sobre distintos países da América Latina e do Caribe, possibilitando estudos comparativos inter-culturais, perspectiva pouco explorada por autores nacionais. A preocupação, já mencionada, de misturar tipos de saberes também dá, ao livro, tempero próprio, a ser provado.

## REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

SAFFIOTI, H. I. B. – 1978. *Emprego doméstico e capitalismo*. Petrópolis, Vozes.